

ÁLCOOL: USO POR ESTUDANTES DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

RIBEIRO, Glauco Frazão Flexa¹

FRANÇA, Victor Marques²

FARIA, Raissa Lelitscewa da Bela Cruz³

CUELLAR, Pedro Manuel Gonzalez⁴

MARTINS, Maylla Luanna Barbosa⁵

RESUMO

Este trabalho objetiva estudar o uso de álcool entre estudantes de Medicina da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Os participantes responderam a dois questionários autoaplicáveis: um sobre características sociais e demográficas, e o instrumento Audit que

¹ Graduado em medicina pela Universidade Federal do Tocantins. E mail: glaucoffr@hotmail.com

² Graduado em medicina pela Universidade Federal do Tocantins. E mail: vikmmf@hotmail.com

³ Acadêmica do curso de medicina pela Universidade Federal do Tocantins. E mail: raissa.lelitscewa@hotmail.com

⁴ Especialista em cirurgia geral e laparoscópica. Professor do curso de medicina da Universidade Federal do Tocantins. E mail: cuellar@uft.edu.br

⁵ Mestre em Saúde Coletiva. Professora do curso de nutrição da Universidade Federal do Tocantins. E mail: maylla@uft.edu.br

identificava padrões de uso de álcool. Do total de 306 estudantes, 56,21% eram do sexo masculino, 80,07% eram solteiros e 43,14% moravam sozinhos. Sobre o álcool, 75,82% dos estudantes afirmaram fazer uso, 72,22% de seus pais faziam uso, 84,32% experimentaram na adolescência, a situação mais propícia para fazer uso eram em festas (62,42%). Pelo Audit, 62,75% dos estudantes de Medicina tinham uso de álcool de baixo risco ou eram abstêmios, enquanto 28,76% apresentavam uso de risco, 4,90% uso nocivo e 3,59% com sintomas de dependência. O padrão de uso binge drinking foi de 27,78%. Houve maior consumo de álcool entre os estudantes que os pais faziam uso de álcool e entre aqueles que não residiam com os pais, com significância estatística. É imprescindível a orientação desses estudantes sobre riscos do uso de álcool e os malefícios que pode trazer para o exercício profissional.

Palavras chave: Estudantes de Medicina; Alcoolismo; Consumo de Bebidas Alcoólicas.

ALCOHOL: THEIR USE BY MEDICAL STUDENTS AT TOCANTINS FEDERAL UNIVERSITY

ABSTRACT

The goal of this study was to evaluate alcohol consumption among medical students at Tocantins Federal University (TFU). Medical students participants answered to two self-reported questionnaires: one about the social and demographic features and another (The Audit Instrument), was used to identify patterns of alcohol consumption. From a total of 306 medical students, 56.21% were males, 80.07% were singles and 43.14% used to live alone. Regarding alcohol consumption, 75.82% medical students, reported consumption of alcohol, 72.22% of their parents

reported alcohol consumption, and 84.32% medical students reported having used alcohol in adolescence. The most common social situation in which alcohol consumption was more frequent was during parties (62.42%). Based on the Audit instrument, 62.75% of medical students reported having used low risk alcohol and/or were not alcohol consumers, but 28.76% medical students reported high risk alcohol consumption, 4.90% dangerous consumption and 3.59% could be considered as alcohol dependent. The frequency of frequent alcohol consumption but in minor amounts was reported by 27.78% of medical students. There was a greater prevalence of alcohol consumption among medical students when their parents were also alcohol users. Frequency of alcohol consumption was greater among those medical students not living with their parents and the difference was statistically significant. It is apparent that instructions and/or education of such medical students regarding alcohol consumption risks and their destructive effects later on during the professional practice, should be given to such students.

Key Words: Medical Students. Alcohol Drinking. Alcoholic Beverages Use.

INTRODUÇÃO

O álcool é apontado pela Organização Mundial de Saúde como a substância psicoativa mais consumida no mundo (WHO, 2001). São quase 2 bilhões de pessoas que fazem uso dessa substância em todo o mundo (UNODC, 2008). No Brasil, não é diferente, essa também é a substância psicoativa mais usada, chegando a ser consumida por quase 70% da população brasileira (GALDURÓZ; CAETANO, 2004).

O consumo de bebidas alcoólicas é um dos problemas mais importantes de saúde pública atual, sendo responsável em cerca de 4% das mortes, 5% dos casos de doença e 90% das internações hospitalares por dependência química. O álcool é apontado como agente de mais de 60 tipos de doenças, entre elas estão as doenças mentais, cardiovasculares, neurodegenerativas, gastrointestinais, hepáticas, sexuais e endócrinas, sendo relacionado à alta morbimortalidade (WHO, 2004; ANDERSON; CHISHOLM; FUH, 2009; REHM et al, 2009).

Seus efeitos na morbimortalidade vão para além das consequências de saúde para quem faz uso de álcool, gerando um amplo

conjunto de custos sociais e para o governo. Esses custos podem ser atribuídos aos altos níveis de violência interpessoal, homicídio, suicídio, comportamento sexual de risco; pelo aumento da incidência de doenças infecto-contagiosas, gravidez não planejada, acidentes com veículos automotores; e pela baixa produtividade no trabalho (BRASIL, 2010).

O impacto que o uso de álcool tem na saúde humana e para a sociedade tende a ser cada vez maior pelo fato de seu consumo ter caráter legal, custo reduzido, ser de fácil acesso e ter campanhas publicitárias que o estimulam. Assim, tem-se observado um aumento de seu uso em todas as classes sociais e na maior parte das faixas etárias, com iniciação cada vez mais precoce (GALDURÓZ; CAETANO, 2004).

Nos últimos anos, tem-se observado um alto uso de álcool entre estudantes de medicina (BRASIL, 2010; BARBOSA et al, 2013). Acredita-se que vários fatores como o ingresso precoce na universidade, novo tipo de moradia, privação do convívio familiar, exigência do rendimento acadêmico, competitividade entre os alunos, falta

de maturidade emocional, independência financeira tardia, experiências associados à permissividade do ambiente universitário e à facilidade de acesso ao álcool, contribuem para a iniciação e o uso constante ou abusivo de álcool pelos acadêmicos de medicina (COSTA et al, 2004; Kerr-Correa et al, 1999; Andrade et al, 1997).

O uso sistemático de álcool por 2 estudantes de Medicina é um fato preocupante, não só pelos danos pessoais que pode causar, como pelo prejuízo no desenvolvimento e na estruturação de habilidades cognitivas, comportamentais e emocionais (CHASSIN; PITTS; PROST, 2002; WINDLE, 2003). Além disso, possui impacto negativo em sua atuação como futuros médicos por interferir diretamente na habilidade dos mesmos em estabelecer diagnóstico precoce, encaminhamento e tratamento de pacientes. Tem como base, ainda, o pressuposto de que o médico servirá de exemplo para seus pacientes, outros profissionais de saúde que com ele convivem e para a sociedade (ARAÚJO et al, 2009).

Considerando que o uso de álcool é alto, os prejuízos que pode causar para a saúde de modo

individual e coletivo, o impacto negativo que pode haver para o acadêmico de medicina, os custos aumentados para os cofres do governo e o fato de não haver registro desse tipo de estudo no Estado do Tocantins, este trabalho tem como objetivo estudar o uso de álcool por estudantes de medicina da Universidade Federal do Tocantins.

MATERIAL E MÉTODOS

2.1 TIPO DE ESTUDO

Este estudo tem caráter transversal e analítico, no qual foi analisado o uso de álcool entre estudantes do Curso de Medicina da Universidade Federal do Tocantins (UFT), este curso é oferecido por esta universidade apenas no Campus de Palmas.

2.2 POPULAÇÃO DO ESTUDO

Os participantes deste estudo foram os estudantes regularmente matriculados no ano de 2013. Para obtenção do número de participantes, foi gerada uma lista dos estudantes regularmente matriculados no segundo semestre letivo de 2013, a qual foi disponibilizada pela Coordenação de Medicina da UFT. Dessa forma, obteve-se um número de 388 estudantes regularmente matriculados

no curso e que foram convidados a participar deste estudo. Um total de 306 estudantes aceitou participar da pesquisa, enquanto um número de 82 não aceitou participar do estudo, trancou o curso, teve transferência externa ou não foi encontrado após ser procurado por três vezes.

2.3 COLETA DE DADOS

A coleta dos dados foi realizada nos meses de outubro de 2013 a março de 2014, período que correspondeu ao segundo semestre letivo de 2013 da UFT. A abordagem aos alunos foi realizada em sala de aula da universidade e nos hospitais em que os acadêmicos e internos de Medicina se encontravam. Antes da aplicação do instrumento, foram prestados esclarecimentos sobre os objetivos da pesquisa, o anonimato das respostas, a participação facultativa e os benefícios esperados. Foi disponibilizado com as devidas orientações dois questionários auto-aplicados. Posteriormente foi solicitado os seus preenchimentos.

O primeiro questionário havia perguntas sobre as características sociais, demográficas, sobre o curso de Medicina e sobre o uso de álcool pelos estudantes. As perguntas eram sobre o sexo, idade, estado civil, renda

familiar, pessoas com quem moram, uso de álcool pelos acadêmicos e seus pais, idade de experimentação do álcool e situações mais propícias ao uso de álcool.

O segundo questionário era o Alcohol Use Disorders Identificatio Test (AUDIT) que é um instrumento desenvolvido pela Organização Mundial de Saúde, sendo utilizado para identificar padrões de uso de álcool (BARBOR et al, 2001). A versão brasileira auto-aplicável, utilizada neste estudo, foi feita na última versão publicada do manual de utilização do AUDIT. Este instrumento apresenta sensibilidade de 90% e especificidade de 80% (BABOR; HIGGINS-BIDDLE, 2003). O AUDIT é composto por 10 questões a respeito do uso do álcool nos últimos 12 meses e gera um escore quantitativo, a partir da pontuação das respostas dessas questões, cuja finalidade é identificar quatro padrões do uso de álcool: uso de baixo risco (ZONA I – 0 a 7 pontos), uso de risco (ZONA II – 8 a 15 pontos), uso nocivo (ZONA III – 16 a 19 pontos) e sintomas de dependência (Zona IV – 20 a 40 pontos). As três últimas zonas são caracterizadas por uso problemático de álcool. Neste questionário é possível verificar

também o padrão de uso do tipo binge drinking, que se refere ao consumo de álcool igual ou superior a cinco doses em uma única ocasião pelo menos uma vez ao mês.

2.4 ANÁLISE ESTATÍSTICA

Os dados foram analisados por meio do aplicativo SPSS (Statistical Package for the Social Sciences – Inc. Chicago, Illinois), versão 16.0 para Windows. As variáveis qualitativas serão apresentadas por meio de frequência e porcentagem. O Teste do Qui-quadrado será utilizado para verificar associação entre as variáveis qualitativas. Um nível de significância de 5% será adotado.

2.5 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Tocantins sob o número do processo 120/2012, seguindo as exigências estabelecidas pela Resolução 196 de 1996 do Conselho Nacional de Saúde e suas Complementares, que trata da pesquisa com seres humanos.

RESULTADOS

Do total de 306 estudantes de Medicina que participaram deste estudo, 56,21% eram do sexo masculino e 43,79% do sexo feminino. A maior parte deles tinha de 20 a 24 anos de idade (64,05%), eram solteiros (80,07%), tinham renda familiar a partir de dez salários mínimos (45,75%) e moravam sozinhos (43,14%).

Em relação ao uso de álcool, grande parte dos estudantes de Medicina afirmou fazer uso de álcool (75,82%). Verificou-se que a maioria experimentou o álcool quando era adolescente e tinha de 10 a 19 anos de idade (84,32%). A situação mais propícia para o uso de álcool era em festas (62,42%). Sobre o padrão de uso de álcool constatado pelo instrumento AUDIT, observou-se que 62,75% dos estudantes de Medicina tinham uso de baixo risco ou eram abstêmios, enquanto 28,76% apresentavam uso de risco, 4,90% uso nocivo e 3,59% com sintomas de dependência. O padrão de uso binge drinking foi constatado em 27,78%. O uso de álcool pelos pais dos estudantes de Medicina foi de 72,22%. **(Tabela 1).**

Tabela 1 – Uso de álcool por estudantes de Medicina da UFT e por seus pais - 2013.

Variáveis	N	%
Uso de álcool por estudantes de Medicina		
Presente	232	75,82
Ausente	74	24,18
Uso de álcool pelos pais		
Presente	221	72,22
Ausente	85	27,78
Idade de experimentação de álcool		
4 a 9 anos	14	4,58
10 a 19 anos	258	84,32
20 a 23 anos	11	3,59
Nunca experimentou	23	7,51
Situações propícias ao uso de álcool		
Em festa	97	31,70
Período posterior às provas	34	11,11
No final de dias estressantes	7	2,29
Em todas situações citadas anteriormente	94	30,72
Não faz uso de álcool	74	24,18
Padrões de uso de álcool pelo AUDIT		
Uso de baixo risco ou abstêmios (zona I)	192	62,75
Uso de risco (zona II)	88	28,76
Uso nocivo (zona III)	15	4,90
Com sintomas de dependência (zona IV)	11	3,59
Uso <i>binge drinking</i>		
Presente	85	27,78
Ausente	221	72,22
Total	306	100,00

Ao verificar associação entre as variáveis sociodemográficas e uso de álcool por estudantes de Medicina, percebeu-se que entre os estudantes que fazem uso de álcool, destacaram-se aqueles que eram do sexo masculino (56,47%), tinham de 20 a 24 anos (62,93%), eram solteiros (81,90%), tinham renda familiar maior que dez salários mínimos (45,26%),

moravam sozinhos (42,24%) e tinham pais que faziam uso de álcool (78,02%). Entretanto, apenas as associações entre as variáveis que indicavam a pessoa com quem mora e uso de álcool pelos pais com o uso de álcool por estudantes de Medicina, foram que apresentaram significância estatística, com valores de p de 0,02 e < 0,01, respectivamente. **(Tabela 2).**

Tabela 2 – Associação entre as características sociodemográficas e uso de álcool por estudantes de Medicina na UFT-2013.

Uso de álcool	Sim % (n)	Não % (n)	Valor de p
Sexo			0,87
Masculino	56,47 (131)	55,41 (41)	
Feminino	43,53 (101)	44,59 (33)	
Idade			0,90
17 a 19	11,64 (27)	9,46 (7)	
20 a 24	62,93 (146)	67,57 (50)	
25 a 29	23,71 (55)	21,62 (16)	
30 a 34	1,72 (4)	1,35 (1)	
Estado civil			0,29
Solteiro	81,90 (190)	74,32 (55)	
Namorando ou casado	17,67 (41)	24,33 (18)	
Divorciado	0,43 (1)	1,35 (1)	
Renda familiar			0,48
1 a 3 salários mínimos	5,60 (13)	9,46 (7)	
4 a 6 salários mínimos	20,26 (47)	21,62 (16)	
7 a 9 salários mínimos	28,88 (67)	21,62 (16)	
> 10 salários mínimos	45,26 (105)	47,30 (35)	
Pessoa com quem mora			0,02
Pais e tios	17,67 (41)	28,38 (21)	
Irmãos e amigos	35,78 (83)	18,91 (14)	
Sozinho	42,24 (98)	45,95 (34)	
Cônjuge	4,31 (10)	6,76 (5)	
Uso de álcool pelos pais			< 0,01
Presente	78,02 (181)	54,05 (40)	
Ausente	21,98 (51)	45,95 (34)	
Total	100 (232)	100 (74)	

DISCUSSÃO

O percentual de estudantes de Medicina que fazem uso de álcool encontrado neste estudo foi considerável (75,82%). Outros estudos indicaram uso de álcool ainda maior, a exemplo do conduzido entre estudantes de Medicina em Belo Horizonte que foi de 85,30% (AMORIM et al, 2008) e do estudo realizado com estudantes da Faculdade de Medicina de Jundiaí que encontrou uso

de álcool em 91,20% dos pesquisados (SPINELLI; VALENTE; LOTÉRIO, 2009). Em contrapartida, houve trabalhos que encontraram percentuais mais baixos, mas ainda que significativos, como o de Barbosa et al (2013) que verificou uso de bebidas alcoólicas por 64,20% dos estudantes de medicina da Universidade Federal do Maranhão e Paduani et al (2008) que encontrou uso de 66,34% por

estudantes de medicina da Universidade Federal de Uberlândia.

Estes dados demonstram que o uso de álcool por estudantes de medicina é um desafio que se faz presente no âmbito universitário. Este fato pode ser entendido pelo álcool constituir um importante estímulo à sociabilidade dos universitários. O álcool tem considerável aceitação social, sendo incentivado a ser consumido pelos amigos e até mesmo pelos familiares dos estudantes, além de fazerem parte da rotina de festas e atividades de lazer. Acredita-se que outro fator que contribui para o uso tão marcante entre esses estudantes universitários, é o forte apelo ao consumo de álcool pela mídia, principalmente direcionada aos mais jovens (SPINELLI; VALENTE; LOTÉRIO, 2009; PILLON et al, 2010).

Ao analisar os padrões de uso de álcool, este trabalho constatou que 37,25% dos estudantes de Medicina da UFT apresentaram uso problemático de álcool (Zonas II, III e IV) e 27,78% afirmaram que pelo menos uma vez ao mês tem o hábito de beber se embriagando (padrão de uso de *binge drinking*). Outros estudos encontraram uso problemático de álcool em estudantes de medicina que variaram de 20,5% a 44,2% (BARBOSA et al, 2013; AMORIM et al, 2008; GOMES et al, 2013; ROCHA et al, 2011) e sobre o *binge drinking* há registros de 17,7% e 35% sobre esse

padrão de uso por tais estudantes (ROCHA et al, 2011; PILLON; CORRADI-WEBSTER, 2006).

O uso problemático de álcool por estudantes de medicina tem se mostrado elevado e gera problemas imediatos, como falta de atenção, sonolência em salas de aula, ausências, atrasos, saídas mais cedo das aulas e omissão no cumprimento dos compromissos. Todos esses fatores podem comprometer a formação médica (BALDISSEROTTO et al, 2005). Problemas ainda mais sérios podem ocorrer devido a esse comportamento de risco, que são os agravos à saúde, doenças, acidentes automotivos, comportamento sexual de risco, aumento da criminalidade e evasão escolar (LEMOS et al, 2007).

A preocupação em detectar o uso problemático de álcool entre estudantes de medicina é clara, pois há a possibilidade do uso permanecer na atuação profissional desses futuros médicos e interferir na habilidade dos mesmos em fazer diagnóstico precoce, encaminhamento e tratamento de seus pacientes dependentes de álcool. Preocupação agravada pelo fato de que o médico servirá de modelo para seus pacientes, além disso, a idéia de que o médico apenas indicaria o caminho a ser seguido pelos pacientes, sem necessariamente o fazer, é contraditória e pode tornar o tratamento com baixa

adesão por parte dos pacientes (AMORIM et al, 2008).

Neste estudo foi possível observar que as situações mais propícias ao uso de álcool eram as festas e no período posterior às provas acadêmicas. Essas situações foram constatadas em outros trabalhos (BARBOSA et al, 2013; PADUANI et al, 2009) e demonstram que o uso de álcool funciona como um meio que estes estudantes têm para aliviar a rotina estressante, já que as causas do uso e abuso dessa substância têm variação pessoal que depende de cada indivíduo e de fatores externos como o ambiente onde o estudante vive (BUZATTO; SOLER, 2010).

A permissividade familiar, ou seja, o fato dos pais fazerem uso de álcool e de alguma forma, influenciar o uso dessa substância aos seus filhos está dentre os fatores externos lembrados acima. Este fator potencializa o risco para que o estudante tenha início e até mesmo a continuidade do uso de álcool. Outro componente que é potencializado é a experimentação precoce, que ocorre antes mesmo dos estudantes entrarem na universidade, muitas das vezes ocorrendo na adolescência, período, este, marcado por imensa transformação biopsicossocial, em que há maior vulnerabilidade à adoção de comportamentos de risco (GOMES et al, 2013; CHIAPETTI; SERBENA, 2007).

Não foi encontrada associação estatisticamente significativa entre o uso

de álcool e o sexo. Entretanto, a literatura declara que os homens são os maiores consumidores de bebidas alcoólicas, o que não impede de nos últimos tempos o uso de álcool está crescendo entre o sexo feminino (GOMES et al, 2013; Marais et al, 2002), o que é motivo de preocupação, pois há maior suscetibilidade desse gênero aos efeitos lesivos do álcool por elas terem menor volume de distribuição corporal e menor concentração de álcool-desidrogenase gástrica propiciando maior embriaguez, além de possuírem fatores hormonais próprios que a tornam mais propensa à doença hepática alcoólica (BARBOSA et al, 2013).

Outro quesito pesquisado por este trabalho foi a relação entre com quem os estudantes moravam e o uso de álcool, revelando que os solteiros e os que moravam com irmão e amigos, eram os que mais faziam uso dessa substância. Amorim et al (2008) explica que a dificuldade que as universidades oferecem no vestibular do curso de medicina faz com que as vagas sejam ocupadas em grande parte por estudantes de fora da cidade ou região. Essa particularidade faz com que boa parte dos estudantes não morem com seus pais, fato associado ao maior uso de álcool e que neste estudo pode ter tido grande contribuição, pois a cidade de Palmas, capital do Tocantins, é relativamente nova, com vinte e cinco anos de criação e assim há maiores chances de obter estudantes de outras

idades e que venham a morar sozinhos ou com amigos.

CONCLUSÃO

Foi possível detectar neste trabalho alto percentual de uso de álcool pelos estudantes de medicina da UFT e percentual considerável de uso de risco e de *binge drinking*. Dessa forma, percebendo que estes estudantes fazem parte de um curso intenso e estressante, tornando-se propícios ao uso de álcool, deve-se elaborar e instituir políticas desestimuladoras ao uso dessa substância e que sejam bastante discutida

e difundida no Campus de universidades como ao da UFT em que há esse perfil.

Outras formas que podem contribuir para redução de uso de álcool é trabalhar com estes estudantes informações científicas, considerar no ensino metodologias educativas que estimulem o desenvolvimento de habilidades para lidar com situações de estresse, além de detecção precoce do uso de álcool com encaminhamento de educadores treinados e instruídos a detectar e trabalhar com esta problemática.

REFERÊNCIAS

World Health Organization. Global status report: alcohol and young people. Geneva: WHO; 2001.

UNODC – United Nations Office for Drug Control and Crime Prevention. World Drug Report; 2008.

Galduróz JCF, Caetano R. Epidemiology of alcohol use in Brazil. Rev Bras Psiquiatr. 2004; 26(supl.2) 3-4.

World Health Organization. Global status report on alcohol 2004. Geneva: WHO; 2004.

Anderson P, Chisholm D, Fuhr DC. Effectiveness and cost-effectiveness of policies and programmes to reduce the harm caused by alcohol. Lancet. 2009; 373(9682) 2234-2246.

Rehm J, Mathers C, Popova S, Thavorncharoensap M, Teerawattananon Y, Patra J. Global burden of disease and injury and economic cost attributable to alcohol use and alcohol-use disorders. Lancet. 2009; 373(9682) 2223-2233.

Brasil. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras. Brasília: SENAD; 2010.

Barbosa FL, Barbosa RL, Barbosa MCL, Aguiar DL, Figueiredo IA, Ribeiro AC, et al. Uso de Álcool entre Estudantes de Medicina da Universidade Federal do Maranhão. Rev Bras Educ Méd. 2013; 37(1) 89-95.

Costa LFO, Alfani AC, Nevo TOD, Chade MC, Greggi V, Tribist AL, et al. Comparação do uso de drogas entre acadêmicos do curso de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Rev Fac Ciênc Méd Sorocaba 2004; 6(1) 7-14.

Kerr-Correa F, Andrade AG, Bassit AZ, Boccuto NMVF. Uso de drogas por estudantes de medicina da Unesp. Rev Bras Psiquiatr 1999; 21(2) 95-100.

Andrade AG, Bassit AK, Kerr-Correa F, Tonhon AA, Boscovitz EP, Cabral M, et al. Fatores de risco associados ao uso de álcool e drogas na vida, entre estudantes de medicina do Estado de São Paulo. Rev ABPAPAL 1997; 19(4) 117-26.

Chassin L, Pitts SC, Prost J. Binge drinking trajectories from adolescent to emerging adulthood in a high-risk sample: Predictors a substance abuse outcomes. J Consult Clin Psychol. 2002;70(1) 67-78.

Windle M. Alcohol use among adolescents and young adults. Alcohol Res Health.2003; 27:79-85.

Araújo CP, Gomes LP, Cunha MGC, Cannizza MP, Mäder MS, Martins NML, et al. Uso de álcool e psicotrópicos e o sofrimento psíquico em estudantes de medicina da Universidade Estácio de Sá. Adolescência & Saúde. 2009; 6(1) 28-32.

BABOR TF, Higgins-Biddle JC, Saunders JB, Monteiro MG. The Alcohol Use Disorders Identification Test. Guidelines for use in primary care. Geneva; 2001. WHO.

BABOR TF, Higgins-Biddle JC. AUDIT: teste para identificação de problemas relacionados ao uso de álcool: roteiro para uso em atenção primária. Ribeirão Preto: PAI-PAD; 2003.

Amorim AVC, Kikko EO, Abrantes MM, Andrade VLA. Álcool e alcoolismo: estudo de prevalência entre discentes do curso de Medicina da UNIFENAS em Belo Horizonte – Minas Gerais. Rev Méd Minas Gerais 2008; 18(1) 16-23.

Spinelli PA, Valente MFM, Lotério HA. Consumo de álcool e drogas pelos estudantes da Faculdade de Medicina de Jundiaí-SP. Perspectivas Médicas. 2009; 20(2): 19-25.

Paduani GF, Barbosa GA, Morais JCR, Pereira LCP, Almeida MF, Prado MM, et al. Consumo de álcool e fumo entre os estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia. Rev. Bras. Educ. Med. 2008; 32(1) 66-74.

Pillon SC, Santos SC, Gonçalves AMS, Araújo KM, Funai A. Fatores de risco, níveis de espiritualidade e uso de álcool em estudantes de dois cursos de enfermagem. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. 2010; 6(Especial) 493-513.

Gomes VLO, Amarijo CL, Baumgarten LZ, Arejano CB, Fonseca AD, Tomaschewski-Barlem JG. Vulnerabilidade de estudantes de enfermagem e medicina pela ingestão de bebidas alcoólicas. Rev enferm UFPE on line. 2013; 7(1) 128-134.

Rocha LA, Lopes ACFMM, Martelli DRB, Lima VB, Martelli-Júnior H. Consumo de Álcool entre Estudantes de Faculdades de Medicina de Minas Gerais, Brasil. Rev Bras Educ Méd. 2011; 35 (3) 369 – 375.

Pillon SC, Corradi-Webster CM. Teste de identificação de problemas relacionados ao uso de álcool entre estudantes universitários. R Enferm UERJ. 2006; 14(3) 325-32.

Baldisserotto CM, Soar Filho E, Nedel F, Sakae TM. Problemas psiquiátricos menores e indicadores do uso problemático de álcool entre os estudantes de medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Arquivos Catarinenses de Medicina. 2005; 34(4) 73-79.

Lemos KM, Neves NMBC, Kuwano AY, Tedesqui G, Bitencourt AGV, Neves FBSC et al. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de medicina de Salvador (BA). Rev Psiquiatr Clin. 2007; 34(3) 118-24.

Buzatto SV, Soler ZASG. Tabagismo e etilismo entre acadêmicos de medicina e enfermagem da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – SP – FAMERP. Arq Ciênc Saúde 2010; 17(3) 122-7.

Chiapetti N, Serbena CA. Uso de álcool, tabaco e drogas por estudantes da área de saúde de uma Universidade de Curitiba. Psicol. Reflex. Crit. [online]. 2007; 20(2) 303-313.

Marais AL, Calitz FJW, Rataemane LUZ, Joubert G. Alcohol use among sixth-year medical students at the University of the Free State. South African J of Psych. 2002; 8(3) 79-84.

Recebido em: 11-03-2015

Aprovado em: 09-04-2015